

## PERFIL DE FELICIDADE DE MULHERES ESTUDANTES DOS CURSOS DE ENGENHARIA EM UMA UNIVERSIDADE PRIVADA NA CIDADE DE SÃO PAULO SEGUNDO A MÉTRICA DO ÍNDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA

Gabriel Martinucho Silva (IC) e José Tadeu Coutinho e Silva (Orientador)

**Apoio: PIBIC Mackenzie**

### RESUMO

Esse estudo teve como objetivo verificar o perfil de felicidade de mulheres estudantes dos cursos de engenharia em uma universidade privada na cidade de São Paulo segundo a métrica do índice de felicidade interna bruta. Para tanto, a pesquisa foi dividida em duas partes, a primeira sendo um estudo qualitativo, em que se analisou um roteiro com 19 questões abertas respondidas pelas estudantes via forms, e a segunda parte sendo um estudo quantitativo, em que dados foram coletados por meio de um questionário composto de 27 perguntas adaptadas do questionário oficial do FIB, tendo-se como amostra para a segunda parte 56 estudantes. O principal resultado foi que o índice de felicidade de mulheres que cursam engenharia na Universidade Presbiteriana Mackenzie é de 24.40%, sendo que de 56 estudantes apenas 7.14% se enquadram no grupo de “Felizes”. Ademais, entre as 6 dimensões analisadas a que obteve o maior número de suficiência foi a de “Vitalidade Comunitária” seguida da dimensão “Padrões de Vida”, e as que obtiveram o menor número de suficiência foram a de “Bem-Estar Psicológico” e “Saúde”. No entanto, mesmo a dimensão de “Vitalidade Comunitária” sendo a maior, foram apenas 18 estudantes que atingiram suficiência, evidenciando que até mesmo para a dimensão que teve o melhor desempenho, ele não atingiu a metade da amostra, apenas 32.14%.

**Palavras-chave:** Felicidade. Mulheres. Índice de Felicidade Interna Bruta.

### ABSTRACT

This study aimed to verify the happiness profile of women students of engineering courses at a private university in the city of São Paulo according to the metric of the gross internal happiness index. Therefore, the research was divided into two parts, the first being a qualitative study, in which a script with 19 open questions answered by the students via forms was analyzed, and the second part being a quantitative study, in which data were collected through of a questionnaire composed of 27 questions adapted from the official FIB questionnaire, using 56 students as a sample for the second part. The main result was that the happiness index of women studying

engineering at Universidade Presbiteriana Mackenzie is 24.40%, with only 7.14% of 56 students falling into the “Happy” group. In addition, among the 6 dimensions analyzed, the one that obtained the highest number of sufficiency was "Community Vitality", followed by the dimension "Standards of Life", and the ones that obtained the lowest number of sufficiency were "Psychological Well-Being". and health". However, even though the “Community Vitality” dimension was the highest, there were only 18 students who achieved sufficiency, showing that even for the dimension that had the best performance, it did not reach half of the sample, only 32.14%.

**Keywords:** Happiness. Women. Gross National Happiness Index.

## 1. INTRODUÇÃO

Especialistas no tema felicidade encontram um problema muito complexo: a conceituação de felicidade. Felicidade é algo demasiadamente subjetivo, cada ser humano tem sua própria definição sobre o que é felicidade. No entanto, por mais que felicidade não seja um conceito universal, é importante defini-la, pois de acordo com a definição terá uma teoria/ação diferente (Dias, 2020). Existem duas perspectivas tradicionais de felicidade na literatura, a hedônica e a eudaimônica. A felicidade eudaimônica pensa felicidade mais a longo prazo, em que o hábito levava a excelência, diferente da felicidade hedônica, em que emoções de prazer e excitação se misturam (Calhau, 2020; Ribeiro e Silva, 2018). De acordo com a doutrina aristotélica, o “caminho do meio” é sempre o melhor caminho (Calhau, 2020). Pensando nisso, a definição acerca de felicidade adotada nessa pesquisa será justamente a junção das duas perspectivas de felicidade.

O Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB) foi criado para mensurar a qualidade de vida. O termo “Felicidade Interna Bruta” surgiu no Reino do Butão, na década de 1970. O índice foi desenvolvido para dar uma nova perspectiva ao que representa o “crescimento econômico” no sentido de progresso. O FIB é avaliado em nove dimensões, sendo elas: bem-estar psicológico, saúde, educação, resiliência cultural, uso do tempo, boa governança, vitalidade comunitária, padrão de vida e resiliência ecológica (Ura; Alkire; Zangmo; Wangdi, 2012), sendo complementar tanto ao PIB quanto ao IDH ao trazer novas variáveis para o seu cálculo (Kaji, 2019). Ademais, as nove dimensões estão divididas em 148 questões (Centre for Bhutan Studies and GNH Research, 2014).

Em seu livro “Comer, Rezar, Amar” (2008), a escritora Elizabeth Gilbert cita em uma das passagens a escritora Virginia Woolf em que ela escreve: “Sobre o imenso continente da vida de uma mulher recai a sombra de uma espada”. Para Woolf, se a mulher atravessar a sombra dessa espada, em que ela deixa o lado da tradição para o lado em que a vida não segue um caminho linear, ela poderá viver sua existência de uma forma mais profunda, no entanto, ela também viverá uma vida mais arriscada.

Segundo o relatório da Unesco (2018), intitulado “Decifrar o código: educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM)”, em perspectiva mundial, mulheres representam 27% dos estudantes matriculados nos cursos de engenharia, enquanto homens representam 73%. Na perspectiva brasileira, de acordo com dados do IBGE (2021), mulheres representam 21.6% dos estudantes matriculados nos cursos de engenharia, enquanto homens representam 78.4%.

Vivencia-se um contexto em que pessoas do gênero feminino, por meio de lutas sociais, começaram a ser vistas como membros ativos da sociedade, cidadãos alicerçadas em direitos. Contudo, certos estereótipos patriarcais ainda não foram questionados e enfrentados, se fazendo vigente. A grande maioria das mulheres continuam sendo vistas como seres absolutamente meigos, doces e irracionais. Sendo assim, pessoas do gênero feminino são educadas a fazerem cursos na área de humanidades e biológicas. Enquanto homens, que sempre foram vistos como racionais, capazes de desenvolverem raciocínio lógico, são educados a seguirem cursos na área de exatas (Assumpção, 2014).

Dessa forma, a pesquisa atual tem como foco responder a seguinte pergunta: “como será o perfil de felicidade de mulheres estudantes dos cursos de engenharia em uma universidade privada na cidade de São Paulo segundo a métrica do índice de felicidade interna bruta?”. Tendo como objetivo geral, verificar perfil de felicidade de mulheres estudantes dos cursos de engenharia em uma universidade privada na cidade de São Paulo segundo a métrica do índice de felicidade interna bruta. Para atingir o objetivo geral, os objetivos específicos são: conhecer contexto vivenciado por mulheres estudantes dos cursos de engenharia em uma universidade privada na cidade de São Paulo, conhecer percepção que as mulheres estudantes dos cursos de engenharia em uma universidade privada na cidade de São Paulo têm do contexto vivenciado por elas, identificar perfis de felicidade interna bruta em mulheres estudantes dos cursos de engenharia em uma universidade privada na cidade de São Paulo e relacionar percepção que as mulheres estudantes dos cursos de engenharia em uma universidade privada na cidade de São Paulo têm do contexto vivenciado por elas com o índice de felicidade interna bruta.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. FELICIDADE**

Existe uma crítica teórica ligada a felicidade, em relação ao seu conceito e legitimação pelo rigor científico (Cabanas e Illouz, 2022). Isso se deve ao fato de a felicidade ser um sentimento, sendo assim, felicidade é algo subjetivo, cada indivíduo tem uma visão diferente sobre o que é felicidade. No entanto, se faz necessário defini-la, pois será de acordo com essa definição que os contextos nos quais o termo felicidade estiver inserido serão analisados, e a partir disso, intervenções serão propostas (Dias, 2020).

Existem duas perspectivas tradicionais de felicidade na literatura, a hedônica e a eudaimônica (Agopian, 2021). A felicidade hedônica é uma felicidade a curto prazo,

ela se estrutura como uma maximização do prazer e minimização da dor. Na doutrina Hedonista se entendia que para alcançar a felicidade era necessário a busca pelo prazer, e isso se daria através de gratificações como bens materiais, poder e dinheiro. (Freire et al., 2013; Agopian, 2021).

A felicidade eudaimônica está relacionada com o propósito de vida do ser humano, quando no decorrer da vida a pessoa se desenvolve para atingir seus objetivos, caminhando em direção a autorrealização (Freire et al., 2013). Diferentemente da hedônica, a doutrina eudaimônica não relaciona a busca da felicidade com a do prazer, mas sim com viver uma vida com mais significado, com um propósito, pensando felicidade como um estado mais duradouro (Agopian, 2021). Para Aristóteles, defensor da felicidade eudaimônica, a felicidade é um fim em si mesma, ela seria o bem supremo. Para alcançá-la, é preciso trabalhar a virtude (capacidade, destreza e força), através da sabedoria teórica (conhecimento técnico) e da sabedoria prática (a capacidade de, em meio a situações diversas e complexas, agir da melhor forma possível, analisando a situação e tomando a atitude correta) (Agopian, 2021).

Em sua obra “Ética a Nicômaco”, Aristóteles escreve: “Por ‘meio termo em relação a nós’ quero dizer aquilo que não é nem demasiado, nem muito pouco, e isto não é o único e o mesmo para todos” (Calhau, 2020). Assim, de acordo com Aristóteles, o “caminho do meio” é sempre o melhor caminho. Com base nisso, essa pesquisa está sendo realizada tendo como definição de felicidade a junção da felicidade eudaimônica e hedônica, não pensando nelas como uma doutrina sendo oposta a outra, mas como complementares.

## 2.2. FELICIDADE E MULHERES

Emoções ou paixões não são, simplesmente, componentes constantes da psicologia e da fisiologia humana, mecanismos inatos. Elas são configuradas, também, por histórias: a história particular de cada indivíduo e a história cultural de cada termo referente à emoção. [...] [O] que determinada pessoa ama ou amará depende, em primeiro lugar, do que uma comunidade convencionou denominar amor (distinguindo-o, por exemplo, de opostos possíveis como “luxúria” ou “amizade”), sendo condicionado, ainda, pelo que aquela comunidade permite ou proíbe, o que uma cultura concebe como íntimo ou inimaginável, no que concerne aos objetos e às expressões do amor (POTKAY, 2007).

Ninguém nasce mulher, mas se torna mulher. Nenhum destino biológico, psicológico ou econômico determina a figura que a fêmea humana apresenta na sociedade: é a civilização como um todo que produz essa

criatura, intermediária entre macho e eunuco, descrita como feminina (BEAUVOIR, 1967).

Tomando como base os pensamentos de Potkay (2007) e Beauvoir (1967), percebe-se que eles apresentam um indício de que, tanto as emoções como o “ser mulher”, além de todo o aspecto fisiológico, psicológico e biológico, também têm um fator histórico, uma construção social, que os determinam.

No século XIX, estava vigente uma literatura sentimental escrita por mulheres norte-americanas, que relacionava felicidade ao dever de uma boa esposa. Se a mulher de classe média está feliz, isso quer dizer que ela mantém uma casa bem-organizada, que educa bem os seus filhos, e estrutura um bom relacionamento com o seu marido. Da mesma forma, o sentimento de infelicidade faz com que a casa esteja sempre desarrumada, os seus filhos mal-educados e que seu marido se sinta infeliz, buscando a felicidade que sua esposa deveria dar fora do lar. A felicidade deixa de ser um sentimento, passando a ser uma obrigação da mulher (Filho, 2017).

Além de relacionar felicidade com o dever de uma boa esposa, a literatura da época instrua como as mulheres poderiam chegar nesse estado, e a estratégia principal era o sorriso e a forma doce de falar. Dessa forma, as mulheres precisavam estar sempre sorrindo e falando de um modo gentil. A regulação do riso feminino ainda ocorre nos dias atuais, sendo duas delas: o “ria como uma mulher”, alegando que existe um jeito certo de rir, com a forma e duração corretas, e a risada compulsória, em que mulheres, expostas a uma situação preconceituosa e desrespeitosa, riem automaticamente (Filho, 2017).

O contexto da mulher feliz não surgiu apenas na literatura das escritoras norte-americanas, ele foi suscitado principalmente pela primeira onda feminista no século XIX. O “ser feliz”, surgiu como uma forma de oposição aquelas mulheres que iam nas ruas lutar pela ampliação de seus direitos, sendo consideradas pela mídia como infelizes e raivosas (Filho e Leal, 2015). Em 1901, o editor da revista feminina americana “Ladies’ Home Journal”, Edward Bok, alegou que ao saírem da esfera privada, as mulheres estavam tendo seus nervos perturbados, responsabilizando as feministas pela infelicidade das mulheres (Filho e Leal, 2015). Contudo, o estigma por trás do nome “Feminismo” se mantém até os dias atuais, muitas mulheres não se consideram feministas pelo estereótipo acerca da palavra (Demetrakas, 2018). Segundo Duarte (2003), a principal derrota das feministas foram ter permitido o preconceito por trás do nome.

Porém, não só a literatura sentimental norte-americana colocava a felicidade como uma obrigação da mulher, as revistas femininas brasileiras como a “Claudia” e “Jornal das Moças”, também a colocavam. Entre 1945 e 1964, as revistas mostravam que a felicidade conjugal era referência para a felicidade da mulher, dessa forma, a felicidade da dona de casa era consequência da satisfação do companheiro (Filho e Leal, 2015).

Nos tempos atuais, a visão da dona de casa continua presente no imaginário da grande massa, no entanto, uma outra figura também vem ganhando o seu espaço: a mulher no mercado de trabalho. A mulher não apenas tem que ser bem-sucedida no casamento, na educação de seus filhos, e nos trabalhos domésticos, mas também tem que ter sucesso profissional. Sendo assim, a felicidade deixa de estar apenas na esfera privada, passando a estar na pública. Em 2010, a revista “Veja: Edição Especial Mulher”, realizou uma matéria intitulada “O paradoxo da tristeza feminina”, em que ela considera a conquista da felicidade mais difícil para as mulheres do que para os homens, pois elas teriam que ser bem-sucedidas em diversas áreas da vida (Filho e Leal, 2015).

### 2.3. MULHERES NO BRASIL

Grande parte das pesquisas desenvolvidas em centros acadêmicos, são estruturadas com referenciais eurocêtricos e anglo-americanos (Hollanda, 2022). Dessa forma, se faz imprescindível para o desenvolvimento dessa pesquisa, que se aprofunde no contexto das mulheres na sociedade brasileira.

Existem quatro momentos importantes para se entender a história do feminismo no Brasil. O primeiro deles ocorre no início do século XIX: enquanto na Europa as mulheres estavam lutando para melhorar uma educação já existente, aqui no Brasil elas ainda estavam reivindicando o direito ao acesso a alfabetização. A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas é de 1827 (Duarte, 2003).

O segundo momento é entre 1870, em que surgem vários jornais com cunhos feministas. Esses jornais publicavam artigos que tinham como foco ampliar a educação da mulher visando o curso superior, e legitimar o acesso ao trabalho remunerado, divórcio e voto. Nessa época, homens já se manifestavam, também através de jornais, literatura e teatro, contra o acesso das mulheres aos cursos superiores, alegando que não era possível desempenhar o papel de esposa, dona de casa e cuidadora dos filhos, ao mesmo tempo que desempenham uma profissão. No entanto, os obstáculos para o acesso ao trabalho só eram impostos as mulheres de classe alta e média, as

de classe baixa já estavam trabalhando nas indústrias e como empregadas domésticas (Duarte, 2003).

O terceiro momento é no início do século XX, em que as mulheres começam a se organizar pela emancipação política, reivindicando o direito ao voto. Em 1927, Juvenal Lamartine, governador do Rio Grande do Norte, aprova uma lei concedendo as mulheres o direito ao voto, sucessivamente, em 1929, Alzira Soriano é eleita prefeita no estado do Rio Grande do Norte, sendo a primeira prefeita mulher da América do Sul. Todavia, o acesso das mulheres ao voto só foi estendido a todo o território brasileiro em 1932, pelo presidente Getúlio Vargas, passando a ser, ao lado do Canadá, Estados Unidos e Equador, o quarto país nas Américas a legitimar o direito ao voto feminino (Duarte, 2003).

O quarto momento é nos anos de 1970 em que as mulheres brasileiras estavam passando por um outro momento particular em relação as outras mulheres pelo mundo, isso se deve, porque enquanto em outros países as mulheres estavam lutando por uma ampliação na educação, salários iguais e direito aos seus próprios corpos, no Brasil, além disso, as mulheres estavam lutando contra a ditadura militar. Ademais, na década de 70 começou a ser pensado como políticas públicas o controle da natalidade e o planejamento familiar, e as mulheres passaram a contar com a pílula anticoncepcional (Duarte, 2003).

Em junho de 2023, a ONU lançou um estudo pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento em que se analisa quatro esferas de preconceito: a integridade física, educacional, política e econômica. O estudo evidenciou que no Brasil 84.5% das pessoas, independentemente do gênero, tem no mínimo uma das quatro esferas de preconceito. O preconceito com índice mais agravante é o de Integridade Física, em que 75.56% dos homens e 75.79% das mulheres que participaram da pesquisa o tem, esse preconceito diz respeito ao direito de querer ou não ter filhos e a violência física. O preconceito com menor índice é o Educacional, em que apenas 9.59% dos indivíduos afirmam que a universidade é mais relevante para o homem do que para a mulher. Na esfera de preconceito Político, 39.91% afirmam que homens desempenham papéis políticos melhores que mulheres. Já na esfera de preconceito Econômico, 31% dos indivíduos afirmam que homens tem mais direito ao trabalho e que são melhores em fazer negócio comparado as mulheres (Barreto, 2023).

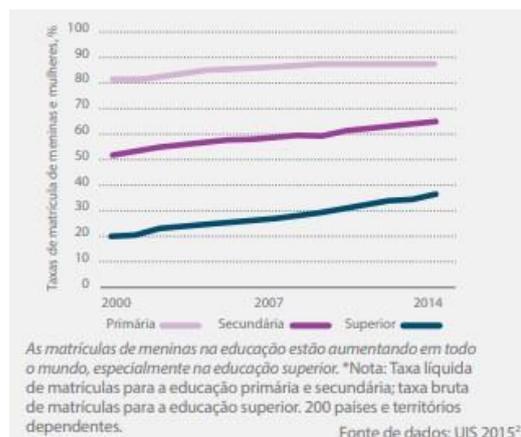
Em julho de 2023, o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública divulgou dados evidenciando que em 2022 houve 1.437 casos registrados de

feminicídio no Brasil, um aumento de 6.1% comparado ao número de casos registrados em 2021. Ocorreram 2.563 tentativas de feminicídios em 2022, um aumento de 16.9% comparado ao número de tentativas em 2021. As violências domésticas também aumentaram, foram registrados 245.713 casos em 2022, um aumento de 2.9% comparado ao número de casos em 2021. Ademais, a quantidade de medidas protetivas de urgência solicitadas em 2022 foi de 522.145 medidas, um aumento de 8.1% comparado ao número de medidas solicitadas em 2021 (Paiva, Stabile e Honório; 2023).

#### 2.4. MULHERES NA ÁREA DE EXATAS

Nas últimas décadas, ocorreu um avanço significativo quanto à participação das mulheres na educação, mostrando-se um aumento nas taxas de matrícula de mulheres em todos os níveis de ensino (Unesco, 2018).

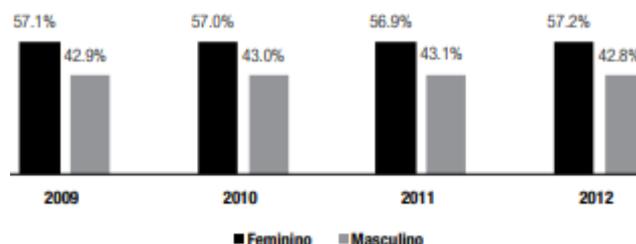
Figura 1 – Taxa de matrículas de meninas e mulheres, por nível de ensino, média mundial.



Fonte: UNESCO (2018)

A “Figura 1” mostra o aumento da taxa de matrícula de mulheres nos níveis de ensino em uma perspectiva mundial, já a “Figura 2” a seguir, mostra o aumento da taxa de matrícula de mulheres nos cursos superiores em uma perspectiva brasileira.

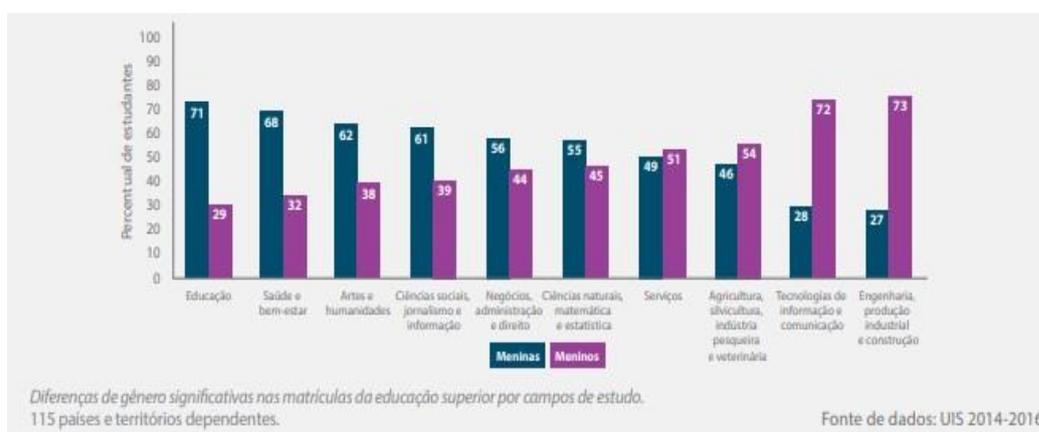
Figura 2 – Taxa de matrículas de estudantes de ambos os sexos na educação superior no Brasil, entre os anos de 2009 e 2012.



Fonte: ASSUMPÇÃO (2014)

Atualmente, não há restrições aparentes para o acesso das mulheres aos sistemas educacionais, no entanto, se ergue uma série de barreias (e.g., responsabilidade doméstica, normas culturais que priorizam a educação dos meninos, casamento e gravidez precoces) que limitam sua participação na produção do conhecimento científico e tecnológico (Cabral e Bazzo, 2005; Unesco, 2018). Um claro padrão de gênero surge na educação superior, enquanto homens são maioria entre os matriculados em cursos nas áreas de exatas, mulheres são maioria dos matriculados em cursos nas áreas de humanidades e biológicas (Unesco, 2018).

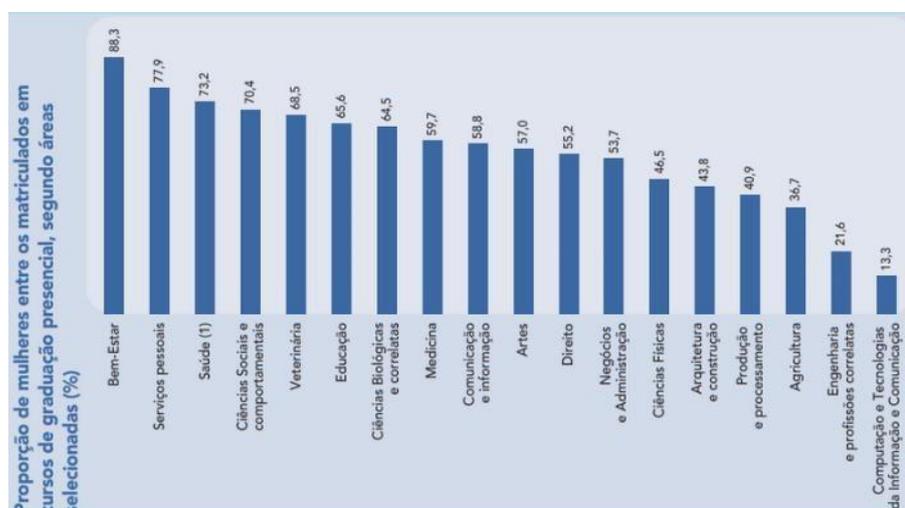
Figura 3 – Parcela de estudantes de ambos os sexos matriculados na educação superior, por campos de estudos, em uma perspectiva mundial.



Fonte: UNESCO (2018)

Esse padrão se faz presente tanto em uma perspectiva mundial (Figura 3), quanto em uma perspectiva brasileira (Figura 4).

Figura 4 – Parcela de estudantes mulheres matriculadas na educação superior no Brasil, por campos de estudos.



Fonte: IBGE (2021)

Apesar da formalização da igualdade, a estrutura social ainda é marcada por desigualdade. Os diversos estereótipos atribuídos aos gêneros moldam o conceito atribuído às ocupações e as carreias, para determinadas áreas continua se valorizando características que foram disseminadas como sendo inatas e unicamente pertencentes aos homens (Assumpção, 2014).

## 2.5. FELICIDADE INTERNA BRUTA

A Ciência Econômica, em um processo natural, foi criando índices. Esses indicadores servem para mensurar a qualidade de vida, sendo usados tanto para comparar países (Branco, 2015) quanto como um direcionamento para governantes tomarem iniciativas acerca da qualidade de vida da sua população, para cada vez mais melhorá-la (Sturgeon, 2019). Dentre esses indicadores, tem-se o PIB e o IDH como um dos mais famosos e importantes.

Segundo O IBGE, PIB é “a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade, geralmente em um ano”. Desde a sua apresentação em 1937, pela economista Simon Kuznets (Dickinson, 2011), o Produto Interno Bruto se tornou o principal indicador de qualidade de vida de uma nação (Sturgeon, 2019), fazendo com que qualidade de vida estivesse atrelada apenas ao crescimento econômico (Branco, 2015). No entanto, a ideia de que progresso se relacionasse apenas ao crescimento econômico começou a ser desmitificada, surgindo críticas em relação ao uso do PIB como reflexo de progresso (Branco, 2015). De acordo com Branco (2015) e Sturgeon (2019), o PIB não faz a reflexão entre custo e benefício: no seu cálculo entra a produção de bens e serviços, mas não entra como esses bens e serviços são feitos, se ao decorrer da linha de montagem os aspectos ambientais são respeitados e como é usado o fator humano para obtenção desses bens e serviços.

Sendo assim, cada vez mais fazia-se necessário índices que refletissem qualidade de vida não apenas pensando no crescimento econômico, mas também no desenvolvimento econômico e bem-estar (Branco, 2015; Stiglitz et al., 2009), surgindo assim o IDH. O Índice de Desenvolvimento Humano utiliza três dimensões no seu cálculo: educação, saúde e renda. Embora com a criação do IDH se tenha avançado na perspectiva de progresso social, o índice deixa de lado novas demandas da sociedade como sustentabilidade, liberdade política, garantia dos direitos humanos e autoestima (Branco, 2015; Bueno, 2007).

O índice de Felicidade Interna Bruta (FIB), surgiu no Reino do Butão, um país localizado no sul da Ásia, durante a década de 1970. (Kaji, 2019). O FIB mensura o progresso de uma nação partindo do princípio de que este progresso não deve ser

somente o desenvolvimento econômico, mas a integração do desenvolvimento material com o psicológico, cultural e espiritual, sendo complementar tanto ao PIB quanto ao IDH (Pereira e Borges, 2018). O índice consta com nove dimensões (Figura 5), divididas em um questionário com 148 questões (Centre for Bhutan Studies and GNH Research, 2014).

Figura 5 – As nove dimensões do FIB e os seus conceitos.

Dimensões	Componentes	Objetivo
i	Bem-estar psicológico	Avaliar o grau de satisfação e de otimismo de cada indivíduo em relação à sua própria vida. Os indicadores incluem a prevalência de taxas de emoções positivas e negativas, e analisam a autoestima, a sensação de competência, o estresse e as atividades espirituais.
ii	Saúde	Medir a eficácia das políticas de saúde com critérios como autoavaliação da saúde, invalidez, padrões de comportamento arriscados, exercício, sono, nutrição etc.
iii	Uso do tempo	O uso do tempo é um dos mais significativos fatores na qualidade de vida, especialmente para lazer e socialização com família e amigos. A gestão equilibrada do tempo é avaliada incluindo tempo no trânsito, no trabalho, nas atividades educacionais etc.
iv	Vitalidade comunitária	Focar nos relacionamentos e interações nas comunidades. Examinar o nível de confiança, a sensação de pertencimento, a vitalidade dos relacionamentos afetivos, a segurança em casa e na comunidade, a prática de doação e de voluntariado.
v	Educação	Levar em consideração fatores como participação em educação formal e informal, competências, envolvimento na educação dos filhos, valores em educação, educação ambiental, entre outros.
vi	Cultura	Avaliar as tradições locais, festivais, valores nucleares, participação em eventos culturais, oportunidades de desenvolver capacidades artísticas, além da discriminação por causa de religião, raça ou gênero.
vii	Meio ambiente	Medir a percepção dos cidadãos quanto à qualidade da água, do ar, do solo e da biodiversidade. Os indicadores incluem acesso a áreas verdes, sistema de coleta de lixo etc.
viii	Governança	Avaliar como a população enxerga o governo, a mídia, o judiciário, o sistema eleitoral e a segurança pública em termos de responsabilidade, honestidade e transparência. Também mede a cidadania e o envolvimento dos cidadãos com as decisões e processos políticos.
ix	Padrão de vida	Avaliar a renda individual e familiar, a segurança financeira, o nível de dívidas, a qualidade das habitações etc.

Fonte: Bianco, Souza, Oliveira e Shikida (2016)

Em 2012 o Reino do Butão publicou um estudo denominado: “A Short Guide to Gross National Happiness Index”, em que se aplicou o índice de Felicidade Interna Bruta na região do Butão e analisou os seus resultados por várias perspectivas, sendo uma delas a visão de gênero. De acordo com o estudo, os homens, no intervalo de tempo em que se aplicou a pesquisa, eram mais felizes que as mulheres, mostrando que enquanto 49% dos homens eram felizes apenas 1/3 das mulheres também eram (Ura; Alkire; Zangmo; Wangdi, 2012).

### 3. METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizou-se do método descritivo e exploratório que segundo Lakatos e Marconi (2021), estudos descritivos “consistem em investigações de pesquisa empírica, cuja principal finalidade é o delineamento ou a análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas ou o isolamento de variáveis principais ou chave”, e estudos exploratórios “são investigações de pesquisa empírica, cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: (1) desenvolver hipóteses; (2) aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno [...]; (3) modificar e clarificar conceitos”.

A pesquisa foi aplicada em mulheres estudantes dos cursos de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie do campus Higienópolis, constando com duas etapas: a primeira um roteiro com questões abertas utilizando-se o forms a fim de conhecer melhor as perspectivas acerca do conceito de felicidade e o contexto vivenciado pelas estudantes. O roteiro foi usado como filtro para, a partir do Questionário Oficial (2014) do Índice de Felicidade Interna Bruta elaborado pelo Centro de Estudos do Butão, escolher quais perguntas se encaixam melhor para a estruturação do questionário que foi aplicado na mesma população, compondo a segunda etapa. Ademais, nas duas etapas da pesquisa utilizou-se a amostra por acessibilidade que segundo Gil (2019) “nessa modalidade os elementos são selecionados por estarem mais disponíveis para participar do estudo. [...] admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo”.

### 3.1. ABORDAGEM QUALITATIVA

O roteiro foi realizado por meio de questões abertas no forms, constando com 19 tópicos. Para se chegar a esses 19 tópicos, o pesquisador utilizou de um arcabouço teórico, construído como mostra a figura a seguir (Figura 6), tendo como principais pesos para a estruturação dos tópicos os eventos 2, 3 e 4.

Figura 6 – Ordem cronológica para a construção das perguntas para o roteiro.



Fonte: Elaborada pelo pesquisador (2023)

Desse modo, entre os 19 tópicos criados foram contempladas 7 dimensões das 9 existentes no índice de Felicidade Interna Bruta, deixando de fora as dimensões “Saúde” e “Resiliência Ecológica”. No quadro a seguir (Quadro 1), tem-se as dimensões adotadas no roteiro, e o objetivo delas no roteiro.

O roteiro foi criado para ser respondido em cerca de 20 minutos e teve como amostra 8 mulheres estudantes dos cursos de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, posteriormente sendo analisados por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando o método de análise de conteúdo.

Quadro 1 – Dimensões do FIB adotadas no roteiro, e seus objetivos no roteiro.

<b>DIMENSÃO</b>	<b>OBJETIVO DA DIMENSÃO NO ROTEIRO</b>
Bem-Estar Psicológico	Entender que conceito as respondentes dão para a palavra "felicidade" e saber como elas estão se sentindo mentalmente e emocionalmente.
Padrão de Vida	Entender o contexto econômico das respondentes, saber qual o grau de acesso a recursos financeiros e que padrão de vida idealizam.
Boa Governança	Saber se a respondente já passou por alguma forma de desrespeito por ser mulher e entender qual a sua participação nas decisões políticas.
Educação	Saber a relação que as respondentes tem com a área de exatas, desde a escola e entender se o sistema educacional no qual estão e estiveram inseridas é equitativo.
Resiliência Cultural	Conhecer o ponto de vista das respondentes a cerca do contexto das mulheres no Brasil.
Uso Equilibrado do Tempo	Conhecer a rotina das respondentes, entendendo quais atividades consomem tempo e quanto de tempo elas consomem.
Vitalidade Comunitária	Entender como as respondentes se relacionam com as pessoas ao seu redor e saber a sua participação na vida comunitária.

Fonte: Elaborada pelo pesquisador (2023)

### 3.2. ABORDAGEM QUANTITATIVA

Para a segunda etapa, o questionário constou com 27 perguntas, levando cerca de 5 minutos para respondê-lo e tendo como amostra 56 mulheres estudantes dos cursos de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, posteriormente sendo analisado por meio de uma abordagem quantitativa. Entre as 27 perguntas, as 3 primeiras são demográficas, para saber a idade, engenharia e religião das entrevistadas, as outras questões foram divididas em 6 dimensões (domínios), e ainda dentro das dimensões as perguntas foram agrupadas em tópicos (indicador). Após a aplicação do questionário, ele foi analisado seguindo as recomendações do Centro de Estudos do Butão, ponderando pesos para cada tópico dentro de suas dimensões. As dimensões utilizadas para a construção do questionário, seus tópicos e os pesos aplicados para cada tópico estão demonstrados no quadro a seguir (Quadro 2).

Quadro 2 – Dimensão, tópicos e pesos aplicados no questionário.

DIMENSÃO		TÓPICO		PESO (%)
D1	Bem-Estar Psicológico	I1	Percepção de felicidade e satisfação	33,33
		I2	Bem-Estar Mental	33,33
		I3	Espiritualidade	33,33
D2	Educação	I4	Literatura Civil	100
D3	Vitalidade Comunitária	I5	Senso de Pertencimento	50
		I6	Senso de Confiança	50
D4	Padrão de Vida	I7	Segurança financeira	50
		I8	Posses	50
D5	Uso Equilibrado do Tempo	I9	Uso Equilibrado do Tempo	100
D6	Saúde	I10	Saúde	100

Fonte: Elaborada pelo pesquisador (2023)

No questionário foram adotadas múltiplas escalas, sendo necessário uma normalização dos dados, a abordagem utilizada para a normalização foi o método estatístico Z-Score, em que para cada questão calcula-se a média e o desvio padrão, depois pega-se os dados brutos e para cada valor subtrai-se a média calculada e divide-se pelo desvio padrão calculado, tendo no final novos valores em que a média é zero e o desvio padrão é um. Para saber o resultado dos indicadores é feito uma média, em que no numerador terá a soma dos valores que a estudante marcou em cada questão e no denominador terá a quantidade de questões presentes no indicador. Tendo o resultado da média do indicador, esse valor é multiplicado pelo peso do indicador. Para saber o resultado das dimensões é feito uma soma de todos os indicadores presentes na dimensão após a multiplicação pelo seu peso (Valentim et al., 2014). Se a porcentagem for maior ou igual a 66% significa que a estudante atingiu suficiência na dimensão, caso o contrário, for menor que 66%, significa que a estudante não atingiu suficiência. Para a estudante ser considerada “feliz”, ela precisa atingir suficiência em 2/3 das dimensões compostas no questionário, caso ela não consiga atingir no mínimo 2/3 ela é enquadrada em um grupo intitulado “ainda não feliz” (Pereira e Borges, 2018). O questionário utilizado consta com 6 dimensões, sendo assim, para ser considerada “feliz” a estudante precisa atingir suficiência no mínimo em 4 dimensões.

Após a análise individual de cada estudante, foi realizada uma conta para saber o FIB total da amostra, fazendo o uso de três valores: a porcentagem de estudantes “felizes” ( $H^H$ ), a porcentagem de estudantes “ainda não felizes” ( $H^U$ ) e a porcentagem de dimensões em que as estudantes “ainda não felizes” atingiram suficiência ( $A_{suff}^U$ ) (Pereira e Borges, 2018). Para o  $A_{suff}^U$  é analisado em cada estudante que não atingiu no mínimo 2/3 das dimensões do questionário a quantidade de dimensões em que ela

atingiu suficiência, fazendo-se uma média, onde no numerador terá a quantidade de dimensões em que as estudantes “ainda não felizes” atingiram suficiência e no denominador a quantidade de estudantes “ainda não felizes” multiplicado pela quantidade de dimensões abordadas no questionário (Ura et al., 2012). A fórmula para o FIB total da amostra pode ser vista na Equação 1.

$$FIB = H^H + (H^U * A_{suff}^U) \quad (1)$$

## 4. RESULTADO E DISCUSSÃO

### 4.1. ANÁLISE QUALITATIVA

Para a análise do roteiro utilizou-se o método de análise de conteúdo, que segundo Bardin (1979) “A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Desse modo, inicialmente fez-se uma análise das respostas das estudantes para cada tópico do roteiro. Após a análise das respostas para cada tópico, o conteúdo analisado foi agrupado mediante as dimensões em que os tópicos fazem parte, tendo como conteúdo principal as de maior frequência, tendo-se no fim o conteúdo analisado em uma perspectiva das dimensões abordadas no roteiro.

Quadro 4 – Conteúdo do roteiro, em uma perspectiva das dimensões.

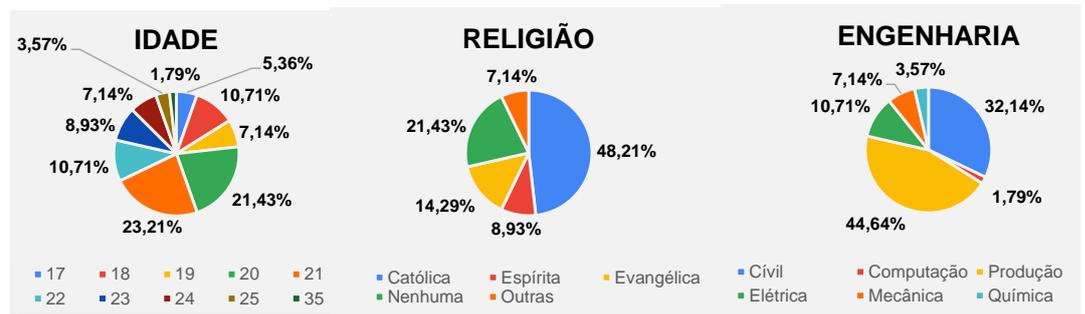
DIMENSÃO	CONTEÚDO POR FREQUÊNCIA
Bem-Estar Psicológico	“Tenho uma família e amigos que me amam” (59%); “Felicidade é um sentimento, um estado, em que você se sente bem” (18%); “Eu me sinto bem fazendo as coisas com calma” (38%); “A rotina da faculdade é bem estressante” (62%); “Me sinto pressionada em ser perfeita, mas é uma pressão própria” (55%); “Acho que os homens são mais felizes que as mulheres” (86%); “Ao longo do tempo as mulheres estão ficando mais felizes, pois elas têm a liberdade de ser quem quiser” (100%).
Padrão de Vida	“Quero muito ser bem-sucedida no meu trabalho” (33%);
Boa Governança	“Me sinto desrespeitada em locais como a sala de aula, ou ambiente de trabalho, mas não é um desrespeito direto, é algo que fica no ar” (70%).
Educação	“Eu não tinha certeza se queria ir para a área de exatas, foi uma aposta” (40%); “Na minha escola os meninos eram mais motivados a irem para a área de exatas” (63%); “Existem poucas mulheres em engenharia no geral, por falta de encorajamento, representatividade” (71%).
Resiliência Cultural	“Os meus pais me incentivaram a cursar engenharia” (100%); “As características necessárias para cursar engenharia são culturalmente ligadas aos homens” (100%); “O contexto das mulheres no Brasil melhorou, pois temos mais liberdade de ser quem quisermos, mas em alguns casos piorou, como na objetificação” (88%).
Uso Equilibrado do Tempo	“Acordo cedo” (15%); “Faço faculdade” (24%); “Trabalho” (24%); “Pego transporte” (12%).
Vitalidade Comunitária	“Eu tenho uma família que me deu estrutura, uma base, através de muito esforço” (64%).

Fonte: elaborado pelo pesquisador (2023)

### 4.2. ANÁLISE QUANTITATIVA

As três primeiras perguntas do questionário eram demográficas, para poder saber a idade, religião e engenharia das estudantes. Em relação a idade, aproximadamente 21.43% da amostra tem 20 anos de idade e 23.21% têm 21 anos de idade. Analisando o segmento “religião”, a católica se destaca com 48.21%, enquanto que 21.43% não tem religião, sendo o segundo maior valor. Além disso, entre as 56 estudantes que participaram do questionário 44.64% cursam Engenharia de Produção e 32.14% cursam Engenharia Civil.

Figura 7 – Dados demográficos: idade, religião e engenharia.



Fonte: elaborado pelo pesquisador (2023)

Após a análise individual do questionário de cada estudante, chegou-se nos seguintes dados: entre as 56 estudantes apenas 7.14% se enquadram no grupo “felizes”, conseqüentemente 92.86% estão no grupo “ainda não felizes”, e dentre as estudantes “ainda não feliz” elas atingiram suficiência em 18.59% dos domínios. Sendo assim, teve-se um FIB total de 24.40%.

$$FIB = 7.14\% + (92.86\% * 18.59\%) (2)$$

Ademais, obteve-se a quantidade de suficiência que as estudantes tiveram em cada dimensão. A dimensão em que as estudantes obtiveram o maior número de suficiência é a “Vitalidade Comunitária” e “Padrões de Vida”, e a que obtiveram o menor número de suficiência é a “Bem-Estar Psicológico” e a “Saúde”.

Quadro 5 – Quantidade de estudantes que obtiveram suficiência por dimensão.

Domínio	Suficiência
Bem-Estar Psicológico	8
Educação	16
Vitalidade Comunitária	18
Padrões de Vida	17
Uso do Tempo	9
Saúde	8

Fonte: elaborado pelo pesquisador (2023)

O domínio “Vitalidade Comunitária” faz referência as estudantes se sentirem parte da comunidade, mostrando que 46.43% se sentem parcialmente e 44.64% se sentem integralmente parte da comunidade. Além disso, esse domínio mostra que

55.36% das estudantes se sentem “completamente seguras”, ou “seguras”, ou “nem seguras, nem inseguras” em andar sozinhas na vizinhança. O domínio “Padrões de Vida” mostra que 42.86% e 33.93% das estudantes conseguem em um grau “médio” e “fácil”, respectivamente, viver bem com suas rendas domésticas, e sinaliza que 73.21% das estudantes acham que suas posses atuais são suficientes para satisfação pessoal. Quando analisadas conjuntamente, percebe-se que o fato de as estudantes possuírem a percepção de ter um bom grau de renda e de posses pode ser um indicativo de que o nível social e econômico das áreas em que residem sejam altos, tendo baixos índices de violência, ótima infraestrutura urbana, e os moradores tenham um bom padrão de vida, desse modo, contribuindo para que as estudantes se sintam pertencentes a comunidade e não tenham insegurança de transitar sozinhas na vizinhança, fazendo com que tanto o domínio de “Vitalidade Comunitária” quanto o de “Padrões de Vida” tenham os maiores níveis de suficiência.

O domínio “Bem-Estar Psicológico” faz referência a felicidade, estresse, superação de desafios, espiritualidade e preocupações que as estudantes têm ao longo do dia. Pela análise qualitativa feita anteriormente, mostrada no “Quadro 4” percebe-se que as estudantes têm uma rotina estressante, principalmente por terem que lidar com trabalho e faculdade. Além disso, elas se sentem pressionadas, muitas vezes por elas próprias, para ter um desempenho excelente em todas as áreas da vida. Conseqüentemente, o fato de elas terem uma rotina estressante e agitada faz com que não sobre tempo para atividades de lazer, e além disso, por se cobrarem para ter um desempenho perfeito nas atividades cotidianas acabam não priorizando cuidados pessoais, como o sono, fazendo com que tanto o domínio de “Bem-Estar Psicológico” quanto o de “Uso do Tempo” tenham os menores níveis de suficiência.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa foi feita tendo como enfoque a seguinte pergunta: “como será o perfil de felicidade de mulheres estudantes dos cursos de engenharia em uma universidade privada na cidade de São Paulo segundo a métrica do índice de felicidade interna bruta?”. Após as análises, obteve-se que o índice de felicidade de mulheres que cursam engenharia na Universidade Presbiteriana Mackenzie é de 24.40%, tendo que de 56 estudantes apenas 7.14% se enquadram no grupo de “Felizes”. Nos domínios abordados, o que mais obteve-se suficiência foi o de “Vitalidade Comunitária”, no entanto, foram apenas 18 estudantes que atingiram suficiência, evidenciando que até mesmo para a dimensão que teve o melhor desempenho, ele não atingiu a metade da amostra, apenas 32.14%.

A teoria feminista se desenvolveu em várias bases, uma delas foi a de pensar a categoria gênero sendo igual para todas as mulheres, o que para os tópicos abordados nas primeiras fases do feminismo se fazia sentido, no entanto, com o passar do tempo percebeu-se que cada mulher tem o seu contexto, conseqüentemente cada uma passa por situações de vulnerabilidade diferentes, sendo de extrema importância que para a construção de políticas públicas sejam levadas em conta essa diversidade de vivências (Sorj, 1992). Desse modo, para futuras pesquisas seria interessante abordar mais especificamente o contexto das mulheres, sabendo sua raça, classe social, lugar em que mora, e entre outras questões que tornem possível se aprofundar nas diferenças de cada uma delas.

Ademais, seria interessante que a instituição de ensino na qual a pesquisa foi aplicada, fizesse de forma periódica a utilização do instrumento do Índice de Felicidade Interna Bruta, dessa forma seria possível ter um histórico, podendo analisar se o FIB está aumentando ou diminuindo, contribuindo para o aprofundamento das análises em futuras pesquisas.

## 6. REFERÊNCIAS

AGOPIAN, T. D. **Felicidade hedônica vs. Felicidade eudaimônica**, 2021. Disponível em: [https://www.linkedin.com/pulse/felicidade-hed%C3%B4nica-vs-eudaim%C3%B4nica-tatyana-der-agopian?trk=public\\_profile\\_article\\_view](https://www.linkedin.com/pulse/felicidade-hed%C3%B4nica-vs-eudaim%C3%B4nica-tatyana-der-agopian?trk=public_profile_article_view). Acesso em: 11 jan. 2023.

ASSUMPÇÃO, A. S. B. M. **A mulher no ensino superior: Distribuição e representatividade**, 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1979.

BARRETO, K. **No Brasil, 84,5% das pessoas têm pelo menos um tipo de preconceito contra mulheres, diz ONU**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/06/12/no-brasil-845percent-das-pessoas-tem-pelo-menos-um-tipo-de-preconceito-contra-mulheres-diz-pesquisa-da-onu.ghtml>. Acesso em: 01 ago. 2023.

BEAUVOIR, S. D. **O segundo sexo**. 2. Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BIANCO, T. S. D.; SOUZA, E. L. C.; OLIVEIRA, N. S. M. N.; SHIKIDA, P. F. A. A felicidade da população trabalhadora de Cascavel/PR segundo a métrica do índice de Felicidade Interna Bruta. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana** [online]. 2016, v. 8, n. 3.

BRANCO, V. C. R. B. **Felicidade Interna Bruta: como escolher os índices do século XXI**. 2015. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BUENO, E. P. **O índice de desenvolvimento humano (IDH): avaliação de seus pressupostos teóricos e metodológicos**, 2007.

CABANAS, E; ILLOUZ, E. **Happycracia – fabricando cidadãos felizes**. 1. Ed. São Paulo: Ubu, 2022.

CABRAL, C. G.; BAZZO, W. A. **As mulheres nas escolas de engenharia brasileiras: História, educação e Futuro**, 2005.

CALHAU, F. Perspetivas pedagógicas contemporâneas sobre a Ética a Nicómaco de Aristóteles. **Perspetivas sobre a Felicidade. Contributos para Portugal no World Happiness Report (ONU)**, Lisboa, v. 2, n. 3, p. 71-91, fev. 2020.

CENTRE FOR BUTHAN STUDIES & GHN RESEARCH. **The Third Gross National Happiness Survey Questionnaire**, 2014.

DEMETRAKAS, J. **Feministas: O que elas estavam pensando?**. Netflix, 2018. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80216844?source=35>. Acesso em: 11 nov. 2022.

DIAS, J. H. Revolução felicitaría, Happiness Manager e Felicidade 5.0. **Perspetivas sobre a Felicidade. Contributos para Portugal no World Happiness Report (ONU)**, Lisboa, v. 2, n. 0, p. 8-25, fev. 2020.

DICKINSON, E. **GDP: a brief history**, 2011. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2011/01/03/gdp-a-brief-history/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

DUARTE, C. L. **Feminismo: uma história a ser contada**, 2003.

FILHO, J. F. **Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder**, 2017.

FILHO, J. F; LEAL, T. **Mas por que, afinal, as mulheres não sorriem? : jornalismo e as razões da (in)felicidade feminina**, 2015.

FREIRE, T; ZENHAS, F; TAVARES, D; IGLÉSIAS, C. **Felicidade Hedónica e Eudaimónica: Um estudo com adolescentes portugueses**, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GILBERT, E. **Comer, Rezar, Amar**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

HOLLANDA, H. B. D. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>. Acesso em: 11 abr. 2022.

IBGE. **Estatística de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil**, 2021. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf). Acesso em: 10 abr. 2022.

KAJI, C. M. **Bibliometria sobre felicidade interna bruta: uma revisão em periódicos nacionais e internacionais**. 2019. Tese (Graduação em Engenharia de Produção) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

KAJI, C. M. **Bibliometria sobre felicidade interna bruta: uma revisão em periódicos nacionais e internacionais**. 2019. Tese (Graduação em Engenharia de Produção) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 9. Ed. São Paulo: Atlas, 2021.

PAIVA, D; STABILE, A; HONÓRIO, G. **Casos de violência contra a mulher, criança e adolescente crescem no Brasil em 2022, mostra Anuário**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/07/20/casos-de-violencia-contra-mulher-crianca-e-adolescente-crescem-no-brasil-em-2022-mostra-anuario.ghtml>. Acesso em: 01 ago. 2023.

PEREIRA, G. N; BORGES, L. T. A. BORGES. **A relação entre felicidade interna bruta e índice paulista de responsabilidade social: um estudo exploratório em duas cidades da mesorregião do vale do paraíba**. 2018. Tese (Graduação em Engenharia de Produção) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2018.

PEREIRA, G. N; BORGES, L. T. A. BORGES. **A relação entre felicidade interna bruta e índice paulista de responsabilidade social: um estudo exploratório em duas cidades da mesorregião do vale do paraíba**. 2018. Tese (Graduação em Engenharia de Produção) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2018.

POTKAY, A. **The story of joy: from the Bible to late Romanticism**, 2007.

RIBEIRO, A. D. S; SILVA, N. Significados de Felicidade orientados pela Psicologia Positiva em Organizações e no Trabalho. **Psicol. caribe**, Barranquilla, v. 35, n. 1, p. 60-80, Abr. 2018.

SORJ, B. **O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade**, 1992.

STIGLITZ, J.; SEN, A.; FITOUSSI, J. P. **The Measurement of Economic Performance and Social Progress Revisited**, 2009.

STURGEON, N. **Why governments should prioritize well-being**. TED, 2019. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/nicola\\_sturgeon\\_why\\_governments\\_should\\_prioritize\\_well\\_being](https://www.ted.com/talks/nicola_sturgeon_why_governments_should_prioritize_well_being). Acesso em: 10 abr. 2022.

UNESCO. **Decifrar o código: educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM)**, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000264691>. Acesso em: 10 abr. 2022.

URA, K.; ALKIRE, S.; ZANGMO, T.; WANGDI, K. **An extensive analysis of GNH index, Thimphu: Centre for Bhutan Studies**, 2012.

VALENTIM, C. C; STREY, D. F; FERREIRA, E. M; MACEDO, R. L. D; DESSOTTI, V.  
**Adaptação do índice “felicidade interna bruta” e avaliação entre estudantes da UNICAMP, 2014.**

**Contatos:** gabrielmartinucho@outlook.com e josetadeu.coutinho@mackenzie.br